

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

**A GUERRA DO GOLFO: A INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE E SUAS
CONSEQUÊNCIAS PARA OS PAÍSES ÁRABES**

Bruna Nishikava Mendes

Orientador: Dr. Sidney Ferreira Leite

Graduanda em Relações Internacionais pelo
Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

São Paulo

2011

1. RESUMO

Este estudo visa compreender e analisar os fatores que desencadearam a invasão por tropas iraquianas pelo território do Kuwait à deflagração da Guerra do Golfo, levando em consideração as peculiaridades geopolítica, cultural e estratégica, bem como sua relevância para os países árabes, sem deixar de lado a relevância do petróleo para a região do Golfo e sua importância para os Estados Unidos.

Palavras-chave: Petróleo, Países Árabes, Guerra do Golfo e Estados Unidos

2. INTRODUÇÃO

O presente artigo está dividido em três seções básicas. A primeira desenvolverá os aspectos históricos que desencadearam a crise de julho de 1990. A seção seguinte abordará a guerra pelo aspecto cultural e político. Posteriormente tratar-se-á do posicionamento estadunidense no Golfo contraposto às motivações iraquianas em iniciar um conflito contra o Kuwait. Em seguida será discutida a Operação Tempestade no Deserto, e finalmente a conclusão do artigo.

3. OBJETIVO

O objetivo central deste estudo é reunir dados históricos, culturais, políticos e estratégicos, a fim de proporcionar, uma ampla compreensão do que foi o conflito, tal como suas implicações. Levar-se-á em consideração os dois lados da moeda que a Guerra do Golfo nos apresentou: o viés dos Estados Unidos e para os países árabes, mais precisamente Kuwait e Iraque.

4. METODOLOGIA

A fim de atribuir embasamento metodológico para este estudo, foram utilizados quatro autores básicos: Silvia Feraboli que em seu livro 'As relações internacionais do mundo árabe' desenvolve a Guerra do Golfo pelo viés árabe; A obra de Cristina Pecequillo 'A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança' contribuiu como referência para abordar a política externa norte americana; 'Cultura e imperialismo', escrito por Edward Said foi utilizada de forma relevante para abordar o aspecto cultural no contexto da Guerra do Golfo.

5. A GUERRA DO GOLFO: UM BREVE HISTÓRICO

A Guerra do Golfo foi um conflito armado de cunho histórico, cultural, geopolítico e estratégico que eclodiu no contexto da pós Guerra Fria, sendo resultado das relações desgastadas e mal resolvidas entre dois países árabes: Kuwait e Iraque. Por não terem resolvido suas diferenças de forma imediata, cederam espaço para que os Estados Unidos tivessem um motivo para intervirem militarmente na região do Golfo Pérsico e, dessa forma, defenderem seus interesses vitais.

O fator fronteiro foi um dos elementos que ocasionou o desentendimento entre Kuwait e Iraque, resultando na invasão ao território kuwaitiano em 2 de agosto de 1990 por tropas iraquianas. Para compreender essa questão é necessário um retrospecto histórico, mais precisamente até meados da década de 1920, quando a demarcação da fronteira entre Iraque-Kuwait foi estabelecida, sendo resultado da intervenção do Alto Comissário Britânico para o Iraque, Sir Percy Cox.

Na ocasião, a delimitação da fronteira, Sir Percy Cox não seguiu nenhum critério geográfico, histórico ou demográfico, e que uma placa com os dizeres 'Iraque-Kuwait' foi fixada em uma tamareira. Deixando assim, motivo para futuros desentendimentos, por exemplo, o Campo de Rumaila que, na época da definição fronteira, não havia sido descoberta as reservas de petróleo.

O estabelecimento fronteiro entre os dois países desfavoreceu o Iraque que, embora possuísse uma população numericamente maior que a do Kuwait, teve seu acesso à costa bloqueada, e dificultada pela ilhas de Warba e Bubiyan, pertencentes ao Kuwait. A dificuldade de acesso à costa foi apontada por Draper:

O Iraque, um grande país com uma população hoje estimada em mais de 16 milhões, ficou com uma estreita faixa costeira, de cerca de trinta milhas. Sua saída para o Golfo era quase bloqueada por duas ilhas kuwaitianas adjacentes, Warba e Bubiyan [...]. O Kuwait, um país um pouco maior que uma cidade soberana, com uma população perto de dois milhões, ficou com uma faixa costeira de 310 milhas. (DRAPER, 1992, p.78)

Neste trecho, Draper, mostra que o aspecto territorial contribuiu para o desenrolar da Guerra do Golfo. No entanto, este não foi o único fator a influenciar o conflito entre Iraque e

Kuwait. Outro elemento pode ser acrescentado ao conflito entre os dois países é o choque cultural que norteou a postura das nações orientais e ocidentais. Sendo assim, a próxima seção tratará do fator cultural e sua relevância no contexto da Guerra.

5.1 A CULTURA COMO FATOR DETERMINANTE

A Guerra do Golfo pelo aspecto cultural foi um divisor de opiniões entre o ocidente e oriente, de um lado havia os países que acreditavam que o conflito deveria ser resolvido internamente e que não deveria receber influência externa. Por outro lado, havia aqueles que apelaram para a intervenção estadunidense. Segundo Edward Said foi resgatado dois pensamentos do passado:

Duas idéias básicas foram nitidamente retomadas do passado e ainda exercem influência: uma delas era o direito da grande potência de salvaguardar seus interesses distantes, chegando até mesmo à invasão militar; a segunda, que os povos das potências menores eram inferiores, com menos direitos, menos princípios morais, menos reivindicações. (SAID, 1995, p. 70)

Os Estados Unidos nesse contexto não assumiram uma postura similar às antigas potências imperialistas, como Inglaterra e França, mas como reparadores dos males pelo mundo a fora, nas palavras de Said, como justiceiros. Porém, para Saddam Hussein a ocupação ao Kuwait foi justificada através do argumento de que os árabes precisavam reparar as injustiças cometidas contra eles, além de se desvencilhar da sombra imperialista. (SAID, 1995)

A operação tempestade no deserto pode ser compreendida como ferramenta para enterrar na memória norte americana da falida Guerra do Vietnã, e mostrar e ao mundo a aos cidadãos estadunidenses que os Estados Unidos eram capazes de articular uma guerra e ganhá-la com eficiência e em curto prazo de tempo. Said salienta o envolvimento cultural estadunidense e o posicionamento iraquiano com as seguintes palavras:

Enquanto o Iraque passava por paroxismos de desintegração, contra-revolta e sofrimento humano em massa, o interesse popular americano se animava por um breve tempo. (SAIDA, 1995, p. 177)

Existia uma diferença estrondosa na história e na auto estima entre Iraque e Estados Unidos percebida em plena década de 1920, quando o Iraque sofria repressão por

parte dos ingleses por resistirem ao imperialismo. Anos mais tarde a dose se repete, mas dessa vez com um personagem diferente: os Estados Unidos.

5.2 O INTERESSE ESTADUNIDENSE NO GOLFO PÉRSICO

A atuação estadunidense no Golfo significou mais que simplesmente socorrer o Kuwait das tropas iraquianas, e sim, garantir a manutenção dos recursos energéticos e sua afirmação como potência hegemônica no cenário pós Guerra Fria, e também conter o crescimento de Saddam Hussein como líder do mundo árabe e seu domínio sobre as reservas de petróleo da região.

No contexto internacional é fundamental salientar que a Guerra do Golfo mostrou que o fim da Guerra Fria era real, o bipolarismo existente entre as duas potências antagônicas: EUA e URSS não representavam mais uma ameaça, e nesse sentido, os Estados Unidos emergiam como potência hegemônica. (PECEQUILO, 2003)

Ao intervir militarmente no Golfo, o Presidente George Bush reproduzia o discurso de Jimmy Carter que, na década de 80, deixou explícito que os Estados Unidos da América não poupariam esforços para defender seus interesses na região:

Vamos deixar nossa posição absolutamente clara: uma tentativa por qualquer parte em assumir controle do Golfo Persico será considerado um ataque aos interesses vitais dos Estados Unidos da América, e tal ataque, será repellido por todos os meios necessários, incluindo a força militar.¹

Posteriormente, na década de 90, o então presidente George Bush, discursava:

Os interesses economicos vitais estão em risco também. Só o Iraque controla cerca de 10 por cento das reservas de petróleo do mundo. Iraque mais Kuwait cotrolam o dobro desse valor. Um Iraque com permissão a engolir o

¹ Let our position be absolutely clear: An attempt by any outside force to gain control of the Persian Gulf region will be regarded as an assault on the vital interests of the United States of America, and such an assault will be repelled by any means necessary, including military force. <http://www.jimmycarterlibrary.gov/documents/speeches/su80jec.phtml> acesso em: outubro de 2010 as 19h32

Kuwait teria o poder econômico e militar, tal como a arrogância para intimidar e coagir seus vizinhos – vizinhos que controlam maior parte das reservas de petróleo. Nós não podemos permitir que um recurso tão importante seja dominado por um cruel.²

Do ponto de vista geográfico, os Estados Unidos temiam que o Iraque utilizasse o Kuwait como ponte para invadir a Arábia Saudita e facilmente se apoderasse das reservas de petróleo Saudita, vulneravelmente localizadas próximo à fronteira com o Kuwait. Nessa situação com o apoio da ONU, o presidente Bush cercou a região com tropas militares, a fim de defender estrategicamente a Arábia Saudita.

A política de intervenção estadunidense foi além do campo estratégico e militar. Para garantir o apoio dos países árabes, os Estados Unidos perdoaram dívidas e concederam benefícios. O Egito e Arábia Saudita, por exemplo, tiveram sua dívida cancelada. Em contrapartida a Síria foi contemplada com apoio financeiro da Comunidade Europeia, e a Turquia, recebeu ajuda militar norte americana. Nesse sentido Feraboli aponta:

Para angariar aliados no Mundo Árabe, os Estados Unidos cancelaram cerca de US\$7 bilhões da dívida do Egito, e os países do Golfo anularam outros US\$ 6,7 bilhões pelo apoio egípcio. A Síria foi beneficiada com US\$ 200 milhões da Comunidade Europeia [...]. A Turquia garantiu US\$ 500 milhões por ano através da ajuda militar americana. (FERABOLLI, 2009, p. 124)

Para Pecequillo, os motivos concretos para a reação norte americana e de seus aliados era impedir que Saddam Hussein ampliasse seu poder regional, tornando o Iraque a potência hegemônica na região, e assim, evitando que assumisse o controle de importantes reservas energéticas das quais dependiam os países Ocidentais. Contudo,

² Vital economic interests are at risk as well. Iraq itself controls some 10 percent of the world's proven oil reserves. Iraq plus Kuwait controls twice that. An Iraq permitted to swallow Kuwait would have the economic and military power, as well as the arrogance, to intimidate and coerce its neighbors -- neighbors who control the lion's share of the world's remaining oil reserves. We cannot permit a resource so vital to be dominated by one so ruthless. Disponível em: <http://www.cryan.com/war/speech/> acesso em: 16/08/2011 às 7h08

como pano de fundo, os Estados Unidos apresentaram fatores ideológicos em nome do restabelecimento da ordem e da paz vislumbradas pela ONU. (PECEQUILO, 2003)

O decorrer deste capítulo mostrou que para os Estados Unidos, sua participação na Guerra do Golfo estava muito clara: defender seus interesses econômicos e estratégicos, e conter o avanço de Saddam Hussein pelo mundo árabe. Sendo assim, a próxima seção será um recorte do contexto da Guerra do Golfo pelo viés árabe.

5.3 A INVASÃO IRAQUIANA: MOTIVAÇÕES E REIVINDICAÇÕES

Ao final da guerra contra o Irã, Saddam Hussein havia feito com que o Iraque contraísse uma dívida de 80 bilhões de dólares. Para reverter à situação desastrosa de seu país, Saddam Hussein buscou o perdão da dívida com os países árabes alegando que, havia endividado o Iraque em prol das nações árabes.

A priori o Iraque, reivindicava ao Kuwait o perdão da dívida de 10 bilhões de dólares, sendo seus principais credores o Kuwait, a Arábia Saudita e os Estados Unidos. Saddam reivindicou, também, o Campo de Rumaila ao Kuwait, e assim, exigiu o pagamento pelo petróleo extraído desse campo durante a Guerra Irã-Iraque. (FERABOLLI, 2009)

Diante às reivindicações iraquianas, a postura do Kuwait provocou receio por parte da comunidade árabe, pois não havia nenhum indício de que se cederia à pressão por parte do Iraque. Pelo contrário, o Kuwait permaneceu inflexível e indisposto a negociar defronte à possibilidade de invasão por parte de Saddam Hussein, e acima de tudo, se negava a reduzir a produção de petróleo e em resolver a questão do Campo de Rumaila. (FERABOLLI, 2009)

O Kuwait estava seguro de sua postura, pois contava com o apoio da comunidade internacional, mais precisamente do respaldo estadunidense. Em contra partida, Saddam Hussein acreditava ter dois fatores a seu favor, o primeiro era que a rua árabe o apoiaria; o segundo que o Kuwait se renderia mediante as pressões. Ferabolli deixa claro o embate entre os dois países:

No plano internacional, embora o Kuwait anunciasse que os Estados Unidos viriam a seu socorro, caso Iraque levasse adiante suas ameaças, não havia motivos, nos cálculos políticos de Saddam Hussein, para preocupações com ingerências externas. [...] Na percepção de Saddam Hussein, no início de

agosto de 1990, o Iraque contava com o apoio do Egito, seu parceiro de Conselho de Cooperação Árabe; com a fraqueza das monarquias do Golfo; com o suporte da 'rua' árabe, que havia sido defendida por ele contra os inimigos persas; e, acima de tudo, com aval dos Estados Unidos, que pessoalmente afirmaram, alguns meses antes, que queriam boas relações como Iraque e publicamente enfatizaram, havia apenas alguns dias, que não havia motivos para defender o Kuwait. (FERABOLLI, 2009, p. 122-123)

Por esta razão, compreende-se que Saddam Hussein objetivava não apenas salvar seu país de uma economia fragilizada, mas também garantir o acesso à costa do Golfo, logo, desejava se desvencilhar da dependência geográfica dos países vizinhos para realizar comércio do petróleo, e assim, angariar poder no mundo árabe. O mapa a seguir mostra não apenas o posicionamento geográfico do Kuwait como também a dimensão territorial do Iraque e sua dificuldade no acesso ao mar:



³ Disponível em: <http://maquinatemporal.blogspot.com/2010/05/hegemonia-politico-militar-dos-estados.html>
acesso em: 27/07/2012

5.4 OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO: A RESPOSTA ESTADUNIDENSE PARA A INVASÃO DO KUWAIT PELO IRAQUE

Unidos contra um inimigo comum, os Estados Unidos juntamente com Egito, Marrocos e Síria movimentaram soldados para o solo saudita, próximo às fronteiras iraquianas. Apoiados pelo Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos e seus aliados receberam o aval para iniciarem os ataques ao Iraque, caso este não se rendesse até 15 de janeiro de 1991. Diante às pressões internacionais, Saddam Hussein se manteve firme nas ameaças de invasão. Nesse contexto, foi iniciada a Operação Tempestade no Deserto que durou de 42 dias, com início em 16 de janeiro a 27 de fevereiro.

6. RESULTADOS

Após doze meses de pesquisa foi possível notar que, apesar de ter sido um conflito de curta duração, e que, apesar dos Estados Unidos terem agido de forma rápida e eficaz, o envolvimento no Golfo Pérsico foi, grosso modo, a justificativa para a nova potência hegemônica marcar presença militar, no mundo pós Guerra Fria, em mais uma região do globo. Por outro lado, evidenciou-se que para Saddam Hussein perder a Guerra do Golfo, significaria a renúncia de seu poder e domínio entre os países árabes.

7. CONSEQUENCIAS

O conflito no Golfo Pérsico apresentou significados diferentes. Por um lado havia os Estados Unidos, que tratavam o Iraque como culpado por uma invasão, o agressor. Por outro havia o Kuwait, a vítima que tinha que ser defendida das garras de Saddam Hussein. Para os Estados Unidos, a guerra não passou de um desentendimento que deveria ser resolvido o quanto antes. Contudo, no mundo árabe, o conflito entre os dois países representou não apenas a fragilidade no mundo árabe, como também mais um fracasso na história desses países. A dicotomia existente entre o Ocidente e os árabes é abordada por Draper:

Mas a Guerra do Golfo foi desafio ainda maior. Ela lançou árabes contra árabes, e um lado árabe teve de apelar para a intervenção ocidental para derrotar o outro. Para as potências ocidentais, a Guerra do Golfo era apenas um incidente passageiro; para os árabes era a continuação de uma crise histórica: a guerra representou um fracasso árabe numa longa história de fracassos. (DRAPER, 1992, p. 75)

Poder-se-ia abordar a operação tempestade no deserto como uma guerra profundamente imperialista que objetivou massacrar a população iraquiana para atingir Saddam Hussein. Não obstante, a imagem da guerra transmitida ao ocidente de forma distorcida e transmitida como um combate honesto e justo para as duas partes.

Said conclui em sua obra *Cultura e Imperialismo*, a população norte americana percebia a guerra como uma cobertura de fatos e sem detalhamento histórico. O governo de Bush manipulou as imagens e informações sobre a guerra e não se tocava no impacto do combate pelo viés iraquiano. (SAID, 1995, p. 372).

A motivação por parte dos Estados Unidos para a Guerra do Golfo era frear o crescimento de um Iraque potência, tendo em vista que o Iraque é o segundo detentor de reservas petrolíferas, e os Estados Unidos o maior consumidor mundial da matéria. Nesse sentido, os Estados Unidos mais seus aliados alcançaram o objetivo em inibir o avanço de Saddam Hussein. Contudo, para o líder iraquiano, essa guerra representou o fim de seu desejo em angariar o controle do mundo árabe.

BIBLIOGRAFIA

BUSH, George. **Remarks by the president to the joint session of congress**. September 11, 1990. Disponível em: <http://www.cryan.com/war/speech/> acesso em: 16 de agosto de 2011.

CARVALHO, Inês. **A hegemonia político-militar dos Estados Unidos da América**. 3 de maio de 2010. Disponível em: <http://maquinatemporal.blogspot.com/2010/05/hegemonia-politico-militar-dos-estados.html> acesso em: 27 de julho de 2011.

CARTER, Jimmy. State of the union address 1980. January 23, 1980. Disponível em: <http://www.jimmycarterlibrary.gov/documents/speeches/su80jec.phtml>. Acesso em: outubro de 2010.

DRAPER, Theodore. A Guerra do Golfo reconsiderada. **Política Externa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 75-94, jun. 1992a.

_____. A Verdadeira História da Guerra do Golfo. **Política Externa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-115, jun 1992b.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo império perecerá**: teoria das relações internacionais. Tradução de Ane Lize S. de Sequeira Magalhães. São Paulo: UNB, 2000.

FERABOLLI, Silvia. **Relações Internacionais do Mundo Árabe**: os desafios para a realização da utopia Pan-Arabista. Curitiba: Juruá, 2009.

FUSER, Igor. **Petróleo e poder**: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico. São Paulo: UNESP, 2008.

HALLIDAY, Fred. **The middle east in international relations: power, politics and ideology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: O breve século XX, 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NOGUEIRA, João Pontes. **Teoria das relações internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Política externa dos Estados Unidos, A**: continuidade ou mudança?. Porto Alegre: UFRGS, 2003

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SAID, Edward W.; BOTTMANN, Denise. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.